

PROC. N.º	3572/A1
S.	20
INTERNA	20

RELATÓRIO DE ATUALIZAÇÃO DE DADOS SOBRE OCUPAÇÃO DA ÁREA KATE-  
TÊ

CEDI - P. I. B.
DATA 23, 02, 88
COD. XCD 34

Conforme determinação da Portaria nº 1179/E, de 29.01.82, e da ITE 007/DGPI, de 27.01.82, deslocamo-nos para o PI Katetê, juntamente com o Sr. Aldo Menezes, Topógrafo DDF/DGPI, para proceder a uma atualização de dados sobre ocupação da área dos índios Xikrin do Katetê. No dia 28.01.82, chegamos a Belém e no dia seguinte alcançamos a área, em transporte aéreo providenciado pela 2ª DR. Nossa missão permaneceu 7 dias junto aos índios, conseguindo apurar o que se segue:

Os índios Xikrin do Katetê mantêm um modo de ocupação caracterizado essencialmente pelo semi-nomadismo. Suas migrações podem ser classificadas em função da atividade desenvolvida e tempo de duração em migrações de curta, média e longa permanência. Atualmente, partem da aldeia, fixada na margem direita do Katetê, próximo a desembocadura do Rio Seco, para pequenas expedições de caça e secundariamente de coleta e pesca, colocando acampamentos próximos às margens desses rios e pequenos igarapês confluentes ou ao norte, nas direções do Aquiri e Itacaiunas. Estas expedições têm duração de uma ou de algumas semanas. Estas atividades complementam-se com a das roças no fornecimento da alimentação diária.

Migrações de média permanência ocorrem uma vez por ano, no verão, quando quase todos vão para o sul em busca de mel, frutas silvestres e matérias primas diversas, prolongando sua estada, a montante do Rio Seco, por períodos de cerca de 3 meses. Nesse local, desenvolvem atividades de coleta e secundariamente de caça e pesca. Os principais gêneros coletados são a fibra de buriti, de larga utili

utili

zação e a cera de abelhas, necessária a confecção de uma série de objetos de uso cotidiano e ritual, como o Capacete Mēkutop, usado em cerimônia de iniciação. Hoje mais raramente esse tipo de deslocamento ocorre também para sudeste, na direção dos campos, nas cabeceiras do Itacaiunas. Segundo apurou a pesquisadora Dra. Lux Vidal (1), especialista nas condições e forma de vida dos Xikrin, estes sempre ocuparam ambos os ambientes, o de campo e o de floresta. Estes índios distinguem em detalhes a fauna, a flora e os recursos surpreendentemente variados tanto da floresta quando dos campos. Do campo procedem as almecegas, os coitês para a confecção dos maracás (objetos sagrados) e uma série de plantas medicinais. Com a intensificação da ocupação civilizada dessa região, o que já está claramente acontecendo, e com a distância que existe entre ela e a área demarcada dos Xikrin, estes tendem a não mais frequentá-la.

Ainda na referida região sudeste, dentro da área demarcada, há grandes desmatamentos feitos por civilizados. Os Xikrin queixam-se amargamente dessa depredação, sobretudo de sua consequência sobre a caça, que praticamente sumiu naquele canto da área. O líder Botie mostrou-se indignado ao sobrevoarmos juntos o local. Este foi um dos sítios preferidos de caça, desde a época em que antigas aldeias foram estabelecidas por perto; um território que conhecem e dominam com facilidade. Esperam, segundo o mesmo Botie, voltar a utilizá-la para tal fim.

Ocorre também entre os Xicrin, como de resto entre outros Kayapó, migrações de permanência maior, em que a própria aldeia se transfere de lugar, deixando às vezes apenas alguns segmentos residenciais no antigo sítio de moradia.

Atualmente a ocupação da área apresenta como novidade um deslocamento desse tipo, já cogitado desde 1979 (2). As florestas compreendidas entre o Kateté e o Aquiri e os sítios de caça mais próximos a foz do Rio Seco têm perdido importância e o grupo procura mais o sul da área. Vin

te e dois, dos quarenta chefes de família, pretendem colocar uma nova aldeia no lugar conhecido como Kankrokro, exatamente no alto Rio Seco, próximo ao local para onde costumam migrar anualmente. O motivo alegado, inicialmente, pelo líder Botie é a maior fartura em caça. Outros homens pronunciaram-se no "Ngobe", reuniões noturnas no centro da aldeia, alegando o mesmo motivo: a caça está diminuindo no baixo Rio Seco e no baixo e médio Katetê. Muitos afirmam voltar ao local após um período de tempo suficiente para os animais aumentarem de número. Entretanto, quando perguntados se há escassez de caça nessas áreas ou se as expedições curtas tendem a um alcance maior, todos respondem negativamente. Isso, mais o fato observado de que continua entrando nas casas uma grande quantidade de animais abatidos e de que ninguém diz estar comendo menos carne, fez surgir a dúvida de que poderia haver outro motivo para a mudança. Apesar da dificuldade de abordagem, pois falam pouco o português, estão consternados por motivo de doença (N1) e são pouco propensos a falar de assuntos coletivos de dia, fora do Ngobe, foi revelado, em outras seções da reunião noturna, que a mudança está relacionada a presença de não-índios a sudeste da área demarcada.

O primeiro motivo, entretanto, longe de ser descartado, evidenciou posteriormente, de parte dos índios, uma explicação ecologicamente impecável.<sup>(N2)</sup> Estes não esperam o volume de caça diminuir, para quem de um "ótimo" de densidade, nos sítios frequentados, chegando a escassez ou atingindo uma quantidade a partir da qual seria difícil sua regeneração. Além do mais, os atuais sítios de caça serão apenas aliviados da presença de caçadores, continuando a ser frequentados por um número menor, aqueles das dezoito famílias nucleares restantes, que permanecerão no Katetê sob o comando do chefe Bemoti. Sumamente importante é o prodigioso aumento populacional dos Xikrin, que passaram da casa dos 177 indivíduos em 1975, para os atuais 252, com concentração de mais de 50% na faixa dos "0" aos "15" anos de idade. Esse crescimento, da ordem de 23,6%, sem sombra de dúvida é o móvel decisí

WJF

vo do desdobramento da aldeia atual. Essas considerações, no entanto, se explicam convenientemente a mudança, não explicam porque ela vai se dar para o sul e não para o norte, para as florestas até então pouco frequentadas à direita do Aquiri.<sup>(N3)</sup> A ocupação dessas florestas deverá, no entanto, ser fatalmente intensificada no futuro, a permanecer o atual crescimento demográfico. O fato de que a atual transferência vai se dar para o sul prende-se mais ao segundo motivo, já apontado.

A relação entre a transferência da aldeia para o "Kankrokro" e a ocupação por não índios do sudeste da área demarcada é o que suscita os maiores problemas, representando uma variável importante no litígio que estes ocupantes mantêm com a FUNAI. Sem alterar sua estratégia ocupacional, os Xikrin do grupo que o líder Botie pretende conduzir ao Kankrokro, fizeram pesar na sua decisão também uma variável "política", por assim dizer. Com uma nova aldeia ali, dizem guarnecer melhor suas divisas territoriais, e não escondem sua intenção de apelar para a força, caso não consigam dissuadir os ocupantes a abandonarem as regiões que consideram "roubadas". No passado, os Xikrin lutaram com outros grupos indígenas e os afugentaram da região. Recentemente promoveram uma expedição guerreira no local em que a fazenda Japonesa passava a área indígena e expulsaram seus ocupantes pela violência. Estão, portanto, acostumados a defender, do seu modo, o território em questão. Em entrevista com o chefe Botie, este revelou serem seus homens muito "mansos", "brigando" primeiro e só "matando" depois. Ambos os líderes Xikrin, tanto Botie quanto o velho Bemoti, afirmam não tolerar a presença dos "kuben", alienígenas, no citado local. É de se temer uma reação violenta dos homens da comunidade contra os ocupantes do sudeste, o que nos deixa bastante apreensivos. Ambos os chefes contam que recentemente foram chamados a Belém, onde o delegado regional da 2ª DR lhes transmitiu a proposta dos fazendeiros instalados ali, os Srs. Hanneman, da Fazenda Gran-Reata, de doar à comunidade uma série de bens que ia de geradores, casas de alvenaria e pista de pouso para a nova aldeia,

até calções, sandálias e pilhas de lanterna, num total de 30 itens. Em troca os chefes deveriam consentir com a instalação da fazenda naquela parte da área. A atitude dos chefes, dentro do gabinete do Sr. Delegado regional, segundo informou este último, foi equívoca. Na aldeia, entretanto, após consultar os homens do Ngobe, a atitude que passaram a adotar foi de negação veemente. Naturalmente querem esses bens, mas os pedem a FUNAI. Quanto ao território a sudeste da área demarcada, informam que está aquém daquele que foi seu antigo "puka" (terra, território) pois este se estendia até os campos, nas cabeceiras do rio Itacaiunas. Dizem também que só admitirão a permanência dos "kupen punú" (civilizados ruins), cujo principal alvo é o capataz Sr. Cardoso, até junho do corrente.

A razão desse prazo prende-se ao fato de que a FUNAI mantém um "Termo de Transação extrajudicial" com os referidos fazendeiros, válido de 05.06.81 a 05.06.82, pelo qual estes se comprometem a indenizar a comunidade com doze parcelas mensais de Cr\$ 40.000,00 pela permanência de 500 cabeças de gado utilizando pastagens dentro da área. Esses pastos comunicam-se com a área por uma picada construída pelos fazendeiros. No cruzamento dessa picada com a divisa sul foi colocada pela FUNAI uma porteira e um posto de vigilância. As referidas cabeças de gado estavam fora da área quando da assinatura do Termo e foram barradas pelo chefe desse posto que desconhecia a existência do citado documento. O fato foi informado a Ajudância de Marabá que mandou chamar os líderes indígenas para o local. Inicialmente intransigentes, estes acabaram aceitando o ingresso desse gado, concordando com o recebimento da indenização e com o prazo constante do documento. O líder Botie nos fez a reclamação de que a comunidade não está recebendo os recursos provenientes da indenização. Foi apurada pela nossa missão a existência de mais cerca de três mil cabeças de gado dentro do espaço que a fazenda ocupa na área indígena e de um grande desmatamento, não acusado antes de fevereiro de 1981 pela imagem Land-Sat.

mbs:

Outra tendência que atualmente se verifica na ocupação da área pelos Xikrin é a de trazerem para dentro dela parentes (õmbikwa) próximos ou distantes, dispersos por outras áreas Kayapõ. Tudo leva a crer que os diferentes grupos Kayapõ, que já deixaram de lado as antigas hostilidades, tendam a uma aproximação e a um intercâmbio cada vez maior. Na aldeia Xikrin muitos homens, incluindo o líder Bottie, pedem que a FUNAI auxilie seus parentes Gorotire a virem para a aldeia. Um índio do Kikretum acabara de chegar a aldeia para ali fixar residência e já discursava no Ngobe. Essa tendência está a merecer um exame mais detido.

A mudança para o local chamado Kanrokro, além de colocar os índios face a face com os ocupantes civilizados, aumentando a ameaça de uma confrontação, como indica seu indisfarçável ânimo belicoso, os colocará muito perto da rodovia PA 279 e de povoados como Água Azul, Xinguára e Redenção. O chefe do PI Kateté relatou-nos que alguns índios foram encontrados em Água Azul, frequentando cabarês e bebendo cachaça. Inegavelmente, o fascínio que a indumentária civilizada, gravadores, rádios e outras "maravilhas" da civilização já estão exercendo sobre a rapaziada mênõrõnu, faz esta categoria de idade (jovens solteiros) apoiar a transferência para o sul. Os Xikrin, entretanto, não estão preparados para um contato direto com as frentes de expansão regionais. Suas concepções éticas mantem-se fortemente ajustadas ao modo específico de organização de sua sociedade e pouco sabem do mundo dos brancos. Uma simples visita a Marabá fez um índio, ao regressar a aldeia, espalhar uma forte epidemia de gripe.

A sociedade Xikrin estrutura-se ainda nos moldes tradicionais. A alteração mais sensível verificada diz respeito apenas a uma ligeira perda de significação do "atukbe" (casa dos solteiros) e das classes de idade. Estas últimas vem perdendo, já há algum tempo, seu tradicional peso na estrutura social aumentando-se a ênfase nos segmentos

WAS

PROC. N.º	3577/81
FLS.	214
RUBRICA	①

residenciais. A aldeia é composta por dezessete residências dispostas em círculo e mais duas ligeiramente afastadas. Todas elas abrigam famílias extensas uxorilocais. Verifica-se atualmente a tendência à compartimentação do espaço interno de algumas residências por paredes de barro ou esteiras de palha o que já esboça uma tendência à não-localidade, por força do processo de aculturação. Este, entretanto, ainda não vai além da estreita dependência material de alguns bens civilizados.

A transferência da maior parte do grupo para o local conhecido como Kankrokro ameaça repetir a triste experiência vivida em 1963, quando algumas famílias estabeleceram uma aldeia na confluência do Katetê com o Itacaiunas. Os Xikrin tiveram seu trabalho explorado por castanheiros e madeireiros, contraíram doenças, desativaram instituições cruciais de sua sociedade e apenas uma parte voltou viva para a aldeia de origem.

Face a atual mudança, marcada para os próximos meses (já limpam parte do terreno) a ação assistencial da parte da FUNAI deverá orientar-se não só para a implementação de um novo posto indígena no local mas, essencialmente, para a desocupação da área a sudeste, por parte dos fazendeiros ali instalados. Pelo que relatamos é urgente a reavivitação da picada demarcatória, localizada ao sul e atualmente coberta pelo mato, e dos seus marcos. Segundo acusação dos índios e do chefe do PI, um dos marcos foi arrancado, a trator, pelo capataz da fazenda Gran-Reata.

A área já enfrentou diversas invasões mas felizmente já se encontra livre de todas elas. Apenas a já referida fazenda conserva ali três grandes desmatamentos (fotos 1, 2 e 3), com capim plantado, cerca e casas de madeira, conforme as informações contidas no mapa em anexo.

W.S.

PROC. Nº	3573/81
	15
	27

CONCLUSÃO

Em seu modo singular de existência, a sociedade Xikrin desenvolve atividades semi-nômades e estratégias de ocupação territorial que impõe certas exigências em matéria de área. É de nosso parecer, face ao que se pode apurar em campo, que a área delimitada e demarcada para esse grupo indígena semi-nômade atende suas necessidades atuais e previsíveis necessidades futuras. Nela localizam-se seus sítios tradicionais de ocupação entre os quais deslocam-se sazonalmente. O que pode ser aperfeiçoado em nossa Tarefa diz respeito a reavivenciação da picada demarcatória ao sul e a retirada dos ocupantes equivocados a sudeste.

Era o que tínhamos a relatar.

Brasília, 18 de fevereiro de 1982.

  
MIGUEL VICENTE FOTI  
Antropólogo "A"

REFERÊNCIAS

1. VIDAL, Luz - Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira, Cap. I e II, Ed. Hucitec, SP, 1977.

NOTAS

- N1 - Durante nossa missão junto a área Katetê, a aldeia Xikrin via-se acometida de forte epidemia de gripe e malária. Esta última, segundo dados da EVS enviada a área, atingia 50% da população observada.
- N2 - No Ngobe, os homens além de contarem estórias, falarem sobre o passado, discutirem e deliberarem sobre assuntos de interesse coletivo, dedicam a maior parte das conversas à troca de impressões sobre o ambiente. O conhecimento e a técnica de domínio sobre o meio, revelam-se surpreendentes na cultura Xikrin do Katetê.
- N3 - Nas florestas a direita do Aquiri localizam-se castanhais. Atualmente a coleta de castanha tem sido pouco praticada. Os índios nos informaram que o trabalho é muito e o preço obtido não lhes tem sido compensador.

Brasília, 18 de fevereiro de 1982

*Miguel V. Foti*  
MIGUEL VICENTE FOTI  
Antropólogo "A"

*Encaminhado-se ao Capetê  
atendendo pedido. 18/2/82*

*Miguel V. Foti*  
Presidente do Conselho Indígena  
de Div. Ident. e Cultura.  
FUNAI